



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Comunicação

MARIA CAROLINA ONO VIEIRA

QUE HORAS ELA SAI?

Um estudo de recepção com empregadas domésticas do DF

Brasília

2019

MARIA CAROLINA ONO VIEIRA

**QUE HORAS ELA SAI?: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM EMPREGADAS
DOMÉSTICAS DO DF**

Memorial do Produto apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – FAC/UnB, como requisito para obtenção do título de bacharela em Comunicação Organizacional sob a orientação da Professora Dra. Elen Gerales.

Brasília

2019

**Que horas ela sai?: Um estudo de recepção com empregadas domésticas do
Distrito Federal**

Maria Carolina Ono Vieira
Orientadora: Elen Geraldес
Brasília, novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldес (Orientadora)

Profa. Dra. Ellis Regina Araújo da Silva (membro)

Profa. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino (membro)

Profa. Dra. Luisa Guimarães Lima (Suplente)

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, que sempre me apoiou, lutou diariamente para que eu pudesse ter todas as oportunidades que alcancei até hoje e por ter sempre acreditado em mim. À minha avó, pelo amor, pelo cuidado, por ter sempre estado presente quando precisei e por sua disposição em contar sua história para a produção deste estudo.

Ao meu namorado, que sempre me incentivou e mostrou que eu era capaz de realizar qualquer coisa. Aos meus amigos, que me ajudaram ao longo de minha trajetória universitária, apoiando e incentivando em todos os processos.

À minha orientadora Elen Geraldese, que desde a escolha do tema me ajudou de todas as formas possíveis. Serei sempre grata.

E agradeço a cada uma das mulheres que disponibilizaram seu tempo para a produção deste trabalho.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo dar voz à história de mulheres que vivem do trabalho doméstico. Através da produção de um livro, busco compreender qual a relação dessas mulheres com a representação da própria profissão no audiovisual, em específico o longa *Que Horas Ela Volta*.

Inspirada pelo projeto *Mulheres na Janela* realizado pela professora Elen Geraldine e a tese de doutorado de Odinaldo da Costa Silva, *Domésticas - o filme: um estudo de recepção com profissionais do Distrito Federal*, realizei entrevistas em profundidade a fim de contar a história de cinco mulheres no livro intitulado *Que Horas Ela Sai*, além de suas perspectivas acerca da representação da doméstica feita por meio de um estudo de recepção.

Palavras-chaves: Empregadas Domésticas; Recepção; Representação.

Abstract

This paper aims to give voice to the story of women working in housework. Through the production of a book, I seek to understand the relationship of these women with the representation of their own profession in audiovisual, in particular the film *Que Horas Ela Volta*.

Inspired by *Mulheres na Janela* project by professor Elen Geraldés and the doctoral thesis of Odinaldo da Costa Silva, *Domésticas - The film: a reception study with professionals from the Federal District*, I conducted interviews to tell the story of five women in the book titled *What Time She Leaves*, beyond their perspectives about the representation of the maid through a reception study.

Keywords: Housemaids; Reception; Representation

Lista de Quadros e Tabelas

Quadro 1 - Cronograma de atividades.....	32
Quadro 2 - Quadro de Orçamentos.....	33

Sumário

Introdução	8
O Serviço Doméstico no Brasil Atual	10
Capítulo I	13
Trajetória Acadêmica	13
Capítulo II	17
Referencial Teórico	17
Trabalhos precursores	17
Leituras formadoras	19
Capítulo III	27
Percurso metodológico	27
Pesquisa bibliográfica	27
Entrevistas em profundidade	28
Estudo de recepção	29
Capítulo IV	30
Apresentação do produto	30
Considerações finais	31
Apêndices	32
Cronograma de Atividade	32
Quadro de Orçamentos	33
Roteiro de Entrevistas	35
Referências Bibliográficas	37

Introdução

Meu trabalho de conclusão de curso é o livro “Que horas ela sai?”, que traz a história de vida de cinco trabalhadoras domésticas entrecruzada com a leitura do longa “Que horas ela volta?”, de Anna Muylaert. O objetivo deste memorial é descrever minha trajetória acadêmica até a definição do tema, as etapas de produção do livro, o referencial teórico e as metodologias que ampararam a sua realização e as escolhas técnico-artísticas implicadas no projeto gráfico. Nesta introdução, falarei brevemente do realismo no cinema e da representação das classes trabalhadoras, bem como do serviço doméstico no país, que constituem o contexto de ideias e de práticas sociais no qual o livro tomou forma.

Segundo Stuart Hall em *Cultura e Representação*, a questão da representatividade poderia ser definida como "o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para produzir sentido" (HALL, Stuart). Nesse sentido, o conceito de representação que utilizo neste estudo seria a análise da forma de linguagem cinematográfica para representar um categoria invisibilizada de profissionais: as trabalhadoras domésticas.

O realismo do cinema é uma busca por representar a realidade da forma mais próxima do real possível. Embora seja um movimento com início e fim datados, continua a inspirar diversos filmes que se propõem a mostrar ao espectador a vida como ela é. Mas essa proposta não impede o cinema de trazer uma realidade que não corresponde à perspectiva de quem assiste. Ao longo da história diversos filmes foram duramente criticados pela forma que retratavam as mulheres, os negros, os homossexuais e muitos outros grupos que não estavam plenamente envolvidos no processo de produção. A representatividade do audiovisual é uma escolha e uma escolha feita de forma não aleatória. “Filmes que representam culturas marginalizadas de um modo realista, mesmo que não se refiram a qualquer incidente histórico específico, ainda assim possuem bases factuais implícitas” (SHOHAT, STAM. 2006, p.263)

Ganhador do Prêmio Ariel de Melhor Filme Ibero-Americano, o filme *Que horas ela Volta?*, de Anna Muylaert, busca contar de forma realista a vida da trabalhadora doméstica. Em 2015 o jornal EL PAÍS elogiou a proposta feita por Muylaert:

Demorou, mas o cinema brasileiro finalmente adentrou – com naturalidade e sem maniqueísmos – o universo tão espinhoso da relação entre patrões e empregados domésticos no país. E fazendo um retrato fiel do que ela é todos os dias na maioria das famílias urbanas que vivem com uma empregada: parece "da família", mas não é. (EL PAÍS, 2015)

Em contraponto, a A Folha de S.Paulo no mesmo ano fez duras críticas ao longa quando, segundo eles:

Ao colocar a talentosa Regina Casé como uma figura tão adorável quanto simplória, sobre a qual recai o lado cômico do filme, estabelece-se com o público um elo condescendente. Em vez de se identificar nos aspectos canhestros da família de patrões, a plateia reconhece em Val a trabalhadora doméstica que experimenta, às escondidas, os cremes da patroa ou a que passa perfume demais para passear na folga. (Folha de S.Paulo, 2015)

O filme *Que horas ela volta?* conta a vida da trabalhadora doméstica Val e o seu cotidiano dentro da casa de uma família classe média de São Paulo. Val trabalha na casa de “Dona Bárbara” e José Carlos. Foi para lá quando o filho deles ainda era pequeno e para isso precisou deixar sua única filha aos cuidados de outra pessoa. Val é apresentada como tendo a “típica vida” da empregada doméstica: dorme no emprego, só sai aos finais de semana, seus patrões dizem a considerar praticamente da família. Entretanto, a situação parece mudar quando Jessica, filha de Val que ficou morando em Pernambuco até então, decide ir para São Paulo fazer o vestibular. Os patrões que uma vez falaram que Jessica poderia ficar na casa mudam suas atitudes completamente ao longo da estada da menina. O filme termina

com Jessica passando no vestibular da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo) para arquitetura e Val pedindo demissão do seu trabalho de anos na casa de “Dona Bárbara”.

Trabalhadoras domésticas estão em muitos casos representadas de forma estereotipada dentro do audiovisual. O filme em questão dedica-se a fazer essa representação de forma mais próxima ao real e condizente com a sociedade em que vivemos. Grupos minoritários com frequência são sub representados no audiovisual e por não estarem presentes em sua realização sua voz/opinião não é ouvida ou relevante para quem produz.

A importância da representatividade e de se enxergar dentro do audiovisual é comumente não entendida por aqueles que já são bem representados. Esse costume de estar sempre se vendo na televisão ou cinema faz essas pessoas muitas vezes não enxergarem os estereótipos que o audiovisual reproduz ao dar vida às minorias nas telas. No caso das trabalhadoras domésticas, estas são em sua maioria estereotipadas como “fofoqueiras”, “mal vestidas”, “ignorantes” e dificilmente representadas como personagens protagonistas. É necessário entender o impacto do audiovisual para a construção de uma cultura. O que se passa na televisão/cinema reflete um padrão da sociedade ou interfere nas mudanças e políticas que podem acontecer. Mostrar as vivências e o olhar de uma classe trabalhadora pode gerar consequências positivas na questão social e política.

[...] a Comunicação e o Cinema têm papel fundamental seja na retransmissão de antigos e tradicionais valores e distinção de papéis entre os gêneros ou, ao contrário, na transformação desses valores, na desconstrução dos rótulos, na sugestão de novas divisões de funções e ações que vão refletir nas políticas públicas do país. (ALVES, Paula; DINIZ, José Eustáquio; BRITZ, Denise. 2011. p.366)

O Serviço Doméstico no Brasil Atual

A luta pela classe das domésticas foi longa e suas conquistas passaram pela história da mulher negra. Laudelina Campos de Melo foi uma importante parte dessa

trajetória: lutou pela valorização e reconhecimento do serviço doméstico e era uma grande ativista pela igualdade racial. Sua história ainda é desconhecida por muitos que não conhecem a importância de Laudelina na conquistas de direitos das domésticas.

Foram anos de lutas para adquirirem seus direitos. Em 2013 surge a conhecida “PEC das domésticas”, que aparece como um amparo para a classe das domésticas e finalmente proporciona uma formalização para o serviço. A lei garante benefícios às trabalhadoras, como jornada semanal de 44 horas, salário-família, seguro-desemprego, adicional noturno, hora extra, multa por dispensa sem justa causa, dentre outros. Mas ainda há problemas com o seu cumprimento.

Em matéria publicada pela EBC em 2019, a advogada do Sindicato das Empregadas e Trabalhadores Domésticos da Grande São Paulo, Nathalie Rosário, ressalta: “Infelizmente há um grande descumprimento por parte dos empregadores, mesmo com boa parte da classe conhecendo seus direitos” (EBC, 2019).

Além disso, o número de empregadas na informalidade tem crescido. O portal de notícias EXAME em 2018 publicou como é o estado das trabalhadoras domésticas em meio à crise:

Enquanto o número de domésticas na informalidade avança em meio à crise econômica, o de empregadas registradas recua – um indicativo de que muitas estão perdendo os direitos trabalhistas recém-adquiridos. Desde 2014, quando a crise deu seus primeiros sinais, o total de trabalhadoras sem carteira aumentou 8,2%, enquanto o de empregadas com carteira diminuiu 1,6% – 330 mil perderam o registro. (EXAME, 2018)

Segundo dados divulgados pelo Codeplan e noticiados pelo G1 em 2018, no DF o número de trabalhadores domésticos vem crescendo e em sua maioria (80%) são mulheres negras. “Se organizasse um encontro de todos os seus trabalhadores domésticos, o Brasil reuniria uma população maior que a da Dinamarca, composta majoritariamente por mulheres negras, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT).” (BBC, 2018)

Ainda na mesma matéria, a BBC traz a visão do professor e pesquisador americano David Evan Harris, defensor da teoria de que o trabalho doméstico no Brasil atual seja herança do período escravagista:

Analisando cidades como Rio e São Paulo, percebe-se que as domésticas muitas vezes são pessoas que migraram do Norte e Nordeste para o Sul e Sudeste. E, como se sabe, o Nordeste é para onde boa parte das populações de escravos foi originalmente trazida. Há uma situação de dinâmica geográfica, histórica e social que continua até hoje. (BBC, 2018)

Analisando o filme *Que horas ela volta?*, percebe-se uma correlação com a fala do pesquisador quando se vê que a empregada doméstica do longa é uma mulher que saiu de sua terra, Pernambuco, para trabalhar em São Paulo. Além também da semelhança com a história de Izabel, mulher entrevistada para a produção de *Que horas ela sai?*, que saiu de São Paulo para Brasília e vive até hoje no serviço doméstico.

No livro *Que horas ela sai?* traremos a história de vida das trabalhadoras domésticas e da líder sindical Laudelina de Melo, com linguagem simples e coloquial, em diálogo com as percepções sobre a representatividade do filme “*Que horas ela volta?*”, de Anna Muylaert. Tem por justificativa a relevância social do serviço doméstico no país e a dificuldade de se ouvir as vozes dessas mulheres, bem como a história de vida da autora, profundamente ligada ao tema.

Divide-se em quatro partes: na primeira, uma breve trajetória acadêmica, na segunda, o referencial teórico, seguido pela metodologia e, por fim, a apresentação do produto e do projeto gráfico.

Capítulo I

Trajectoria Acadêmica

Estudo em escola pública desde o ensino fundamental. Todo esse tempo passei morando e estudando em Ceilândia-DF. Fiz o ensino médio no CEM 12 (Centro de Ensino Médio 12 de Ceilândia) e pelo o que me lembro não tinha uma ideia fixa do que gostaria de estudar na universidade. Mas de uma coisa eu sabia: queria estudar na Universidade de Brasília. Primeiro veio a ideia de estudar Direito, incentivada por minha mãe, que acabou não dando certo. Surgiu também a ideia de estudar biologia, mas essa ideia não durou muito tempo. Até pensei em fazer Letras. Bom, foram muitas opções cogitadas.

Minha mãe, junto de minha avó, conseguiu com muito esforço pagar um curso pré-vestibular durante o meu ensino médio. Entretanto, cheguei ao fim sem conseguir ingressar em nenhum curso. Naquele momento desanimei e me questionei se realmente conseguiria realizar meu sonho da universidade pública.

Sempre gostei de acompanhar os passos de minha tia, irmã do meu pai. Formada em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, roteirizou e dirigiu filmes, tinha sua independência. Comecei aí a pesquisar mais sobre a área e me encantei pelo universo da Comunicação. Sempre tive gosto pelo cinema, pela escrita e pelas artes e decidi tentar encontrar esse caminho dentro do curso. Continuei meus estudos para o vestibular até 2015, quando finalmente realizei a prova para Comunicação Organizacional e me candidatei a uma vaga para Jornalismo pelo Prouni, um programa do governo federal que oferecia bolsas de estudo para estudantes carentes cursarem universidades privadas. Consegui os dois, mas optei pela descoberta do novo curso de Comunicação Organizacional.

O início do curso não foi fácil. Deparei-me com aulas complexas que pareciam simples a todos. Não sabia se iria realmente me encaixar na área e pensei em mudar de curso diversas vezes. Consigo hoje perceber uma precipitação minha. Comunicação se mostrou uma área vasta e com as mais diversas possibilidades. Não precisava me encaixar, mas sim me encontrar. Não é algo fácil e arrisco dizer

que ainda estou tentando, mas com certeza a escolha por Comunicação mostrou-se como a certa.

Como já pontuado, tenho um grande interesse pelo cinema e pelas artes. Dessa forma, minha trajetória dentro da universidade foi buscando estar perto dessas áreas. Fiz aulas de Fotografia Publicitária, aula de História da Arte, História do Cinema, Elementos da Arte, Linguagem e Cultura Popular. Todas essas matérias posso dizer que contribuíram para quem sou hoje. Consegui aprender um pouco de cada área que a universidade me apresentou e todas tiveram seu papel na escolha do tema para esse trabalho.

Essa talvez seja a parte que mais me encanta dentro da Universidade de Brasília: as possibilidades que existem por ali. Você consegue enxergar além e transitar por espaços que você nem imaginava ter contato. Essa foi uma das razões pela escolha que fiz entre estudar Comunicação em uma universidade pública ou jornalismo em uma faculdade particular: a multiplicidade de vivências que ali se encontram e a abertura que ela te dá para ser quem você é são experiências únicas.

Durante meu oitavo semestre percebi que ainda estava meio confusa sobre o que gostaria de realizar em meu último trabalho da graduação. Desde que entrei na universidade percebi meu interesse por assuntos relacionados ao feminismo e à trajetória das mulheres em geral. Alegrou-me ter professoras mulheres, que conseguiam trazer para dentro de sala as mais diversas questões do universo feminino, com seus impasses, questionamentos e conflitos. Então sabia de uma coisa: queria fazer meu trabalho com foco em mulheres, mas a questão que ficou foi “qual será o objeto?”.

Durante esse mesmo semestre cursei três matérias que contribuíram imensamente para a escolha do tema. Em Comunicação e Gênero conheci novas histórias, novos olhares, novas maneiras de se pensar um trabalho acadêmico e como a academia ainda é muito fechada para a comunidade. Em História do Cinema descobri um universo novo de filmes, que normalmente a universidade não direciona a seu alunos. Assisti a filmes que tinham como objetivo dar vozes àqueles que em muitas situações eram esquecidos ou estereotipados. Foi em Cultura, Poder e Relações Raciais que um universo novo para mim e necessário a todos foi apresentado. A matéria dada por Renata Melo Barbosa do Nascimento conseguiu criar marcas em

cada aluno, tenho toda a certeza. Tive a oportunidade de conhecer novas histórias e mergulhar nelas, conhecer a história da mulher negra e entender sua cultura. Entendi o quanto a universidade ainda é muito elitizada e, mesmo possuindo política de cotas, é um ambiente que precisa ser desconstruído constantemente. Consegui enxergar movimentos que antes para mim não tinham o significado que têm hoje, como o feminismo, o movimento negro, o movimento LGBT.

Pensar em um tema para pesquisas não é uma tarefa fácil. Estabelecer um recorte viável e apaixonante, delimitar uma pequena parte de assuntos muito abrangentes foi a parte que levou mais tempo até o momento da decisão final.

Tinha como objetivo trabalhar com mulheres. Surgiu a ideia de falar sobre representatividade e como isso é enxergado por mulheres de classe baixa que são excluídas em diversas situações do feminismo hegemônico. Minha ideia inicial era reunir mulheres de todas as idades, apresentar algum conteúdo televisivo e assim entender como elas o recebem, o que elas entendem por representatividade, se o movimento feminista é familiar a elas. O tema foi surgindo a partir daí.

Quando me questionei sobre qual conteúdo apresentaria, veio uma história na cabeça: o dia em que assisti ao longa “Que Horas Ela Volta?” com minha avó materna. O filme conta a história de Val, empregada doméstica de uma família de classe média da cidade de São Paulo. Sou neta e filha de mulheres que trabalharam grande parte de suas vidas no serviço doméstico e eu rompi com essa “tradição”. Ao assistir com minha avó, observei comentários dela sobre a personagem, sobre a filha da personagem, sobre o próprio cotidiano do trabalho doméstico e vi que o filme, apesar de buscar o “real universo” dessa classe trabalhadora, pecou em algumas cenas que não pareciam agradar muito à doméstica que assistia.

Pensei então, por que não falar de uma realidade que esteve próxima ao meu cotidiano minha vida inteira? Meu objetivo inicial era apresentar o filme por meio de um grupo focal para um grupo selecionado de empregadas domésticas e assim analisar por meio de um questionário como foi a recepção do conteúdo. Uma monografia até então.

Aconteceu então minha primeira orientação para o Trabalho de Conclusão de Curso. Minha orientadora, Elen Geraldine, me apresentou a um trabalho de anos atrás que realizou com alunos da Universidade Católica de Brasília. Um livro no qual

entrevistaram nove mulheres que contaram suas histórias, sua rotina, seus sonhos. Encantei-me pelas histórias e pela forma como os repórteres conseguiram captar, com cuidado e sensibilidade o traçado da vida, os sonhos, as frustrações e os conflitos de cada mulher e sua relação com uma telenovela. Percebi como um livro estaria mais próximo dos objetivos do meu projeto. Eu queria ouvir a dar voz a essas mulheres, que por questões de gênero, raça, classe social, e profissão, geralmente são ignoradas. Uma monografia talvez não conseguiria ter esse efeito.

Estar dentro de uma universidade e ter a possibilidade de fazer um trabalho com essa temática foi algo que não pude deixar de lado. Minha avó, que não conseguiu terminar seus estudos e trabalha desde nova no serviço doméstico, teria sua trajetória contada. Por meio de um livro, a história de vida de cinco mulheres empregadas domésticas será contada e suas vozes finalmente serão ouvidas, em diálogo com um filme, *Que horas ela volta?*. Este produto amarra, então, quem sou e quem quero ser, a Universidade e a família, as oportunidades surgidas e as mulheres que me permitiram estar aqui. Dessa forma, opto pela primeira pessoa na produção deste memorial, pois estou aqui me expondo e me revelando nas escolhas e nos silêncios.

Capítulo II

Referencial Teórico

Neste capítulo são apresentadas as pesquisas e os elementos que permitiram o desenvolvimento do produto, fundamentando-o teoricamente e o inspirando. Divide-se em duas partes: **trabalhos precursores**, que mostra os antecedentes deste produto e **leituras formadoras**, que apresenta autores e conceitos presentes em toda a sua formulação.

Trabalhos precursores

Como inspiração para *Que Horas Ela sai*, primeiramente cito o livro *Mulheres na Janela*. Realizado e organizado por estudantes da Universidade Católica de Brasília, por meio do Projeto Ética na Mídia, o livro busca compreender a recepção de nove mulheres acerca da telenovela *Mulheres Apaixonadas* da Rede Globo. Em *Mulheres na Janela* 9 mulheres contam suas relações com a indústria cultural entrelaçadas aos seus sonhos, valores e frustrações, mostrando, segundo as organizadoras, aos próprios autores que “nenhuma recepção pode ser padronizada” (GERALDES, Elen; MEDEIROS, Sonia. 2006).

A dissertação de mestrado de Odinaldo Costa da Silva, *DOMÉSTICAS – O FILME: Um estudo de recepção com profissionais do Distrito Federal*, aparece também nesse estudo como um grande estímulo:

Sonhos, família, origem, amores, relações trabalhistas e muitos afazeres. Estes temas, entre outros, estão presentes no filme pesquisado. O que fiz no estudo de recepção foi levantar a discussão dos referidos temas com as entrevistadas, saber qual a opinião delas acerca desses assuntos e de como foram mostrados na película. (SILVA, Odinaldo da Costa. 2007. p. 74)

Que Horas Ela Sai? tem diferenças e semelhanças com a dissertação lida. Meu objetivo foi criar um produto e contar histórias, o dele foi pesquisar,

academicamente, o universo de recepção das trabalhadoras domésticas. Faz um estudo semelhante ao de Odinaldo, mas com suas peculiaridades. Seu objetivo foi analisar a recepção dessas mulheres em uma dissertação, enquanto o produto aqui discutido no presente memorial faz em forma de história. A escolha do livro entrou como um diferencial que busca ter maior proximidade com as mulheres entrevistadas, algo que a monografia, um material da academia, parece criar certo distanciamento.

Ainda como uma inspiração para o estudo de *Que Horas Ela Sai*, entra a dissertação de mestrado de Rosa Helena Santos de Jesus, *À flor da pele: um estudo de recepção do desenho Guilhermina e Candelário com crianças de uma escola quilombola*. O estudo de Rosa tem como perspectiva fazer uma leitura sobre o racismo a partir de um estudo de recepção. A autora pontua a importância das representações sociais e apresenta seu estudo como realizado:

“[...] a partir do entendimento de Ana Carolina Escosteguy, que evidencia que no processo de recepção estão envolvidos diferentes “mediações sociais e culturais” que se conectam com a realidade social vivida. A autora explica que ‘a compreensão da relação que se estabelece com os media se dá a partir das distintas posições ocupadas na estrutura social, apoiando-se com diferentes ênfases na posição de classe social, de gênero, de raça, de idade, de contexto (rural/urbano) (ESCOSTEGUY, 2003, apud JESUS, Rosa Helena Santos de, 2018. p. 84)” (JESUS, Rosa Helena Santos De, 2018, p. 84)

O estudo de Santos Rosa constrói sua pesquisa com alunos de uma escola quilombola com o intuito de trazer discussões sobre o racismo ainda na infância. De forma semelhante, realizo em *Que Horas Ela Sai?* uma pesquisa com o objetivo de entender a recepção de uma representação da própria categoria (a das domésticas) e perceber se ocorre alguma identificação com a personagem, compreendendo a posição das mulheres entrevistadas e suas realidades vividas.

Que Horas Ela Sai? surge como uma forma de resgatar a memória dessas mulheres e mostrar que as domésticas têm muita história para contar. Uma profissão que ainda tem seus traços de desvalorização e sofre as consequências no dia-a-dia tem agora sua história narrada em um livro. Com uma linguagem mais simples, Que Horas Ela Sai? leva a comunidade para a academia.

Leituras formadoras

Para o desenvolvimento de Que Horas Ela Sai? Djamila Ribeiro foi essencial. Com seu livro O que é lugar de fala? contribuiu para discussão de gênero, raça e classe. Djamila faz já nas primeiras páginas do livro uma análise sobre o discurso de Sojourner Truth.

“Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?” (TRUTH, Sojourner, 1851)

O que ela faz ali com sua fala, segundo Djamila, é um questionamento do feminismo hegemônico que tinha suas pautas muito bem definidas e não abrangia as mulheres negras e, por consequência, mulheres empregadas domésticas que em sua maioria são negras. Além dessa inquietação, Djamila evidencia como mulheres negras tem suas vozes esquecidas e formula uma frase que gerou uma ligação instantânea com

Que Horas Ela Sai?: Por que demoraram tanto a serem ouvidas? O fato de empregadas domésticas terem adquirido seus direitos e a formalização do serviço apenas em 2013 evidencia essa questão.

Djamila ainda coloca em pauta a questão das políticas públicas para mulheres que geralmente são pensadas para todas, mas quem seriam esses todas? Mulheres negras sendo a grande maioria do serviço doméstico estão em maior vulnerabilidade. E assim Djamila fala que é necessário focar nessas realidades e dar nome para elas. “Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível.” (RIBEIRO, Djamila. 2017. p. 41) Como ocorreu com as domésticas, foi preciso muita luta para a criação de um sindicato das domésticas e assim ao longo de vários anos o reconhecimento como uma profissão.

Ainda em O que é lugar de fala?, Djamila traz um importante ponto quando falamos sobre empregadas domésticas e seu lugar social: o conceito de *outsider within*. Um conceito que traduzido literalmente seria perto de “forasteiro de dentro”, ou seja alguém que mesmo estando inserido naquele espaço, ainda é enxergado e tratado como “alguém de fora”. A autora cita o termo a partir do texto Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro, de Patricia Hill Collins que fala sobre o espaço de marginalidade em que vivem as mulheres negras e cita como exemplo as empregadas domésticas:

“[...] que trabalham em casa de família. Há a tentativa das pessoas brancas em dizer o quanto elas são importantes e ‘quase da família’, ao mesmo tempo em que elas ainda seguem ocupando um lugar de marginalidade”. (RIBEIRO, Djamila. 2017. p. 45 e 46)

“O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos no lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência.” (RIBEIRO, Djamila. 2017. P. 64)

Nesse contexto também foi trabalhada e pensado a questão do lugar de fala da mulher trabalhadora doméstica, quem está falando por elas e como essa pessoa está representando o grupo que se propõe discutir. Essas mulheres têm suas vozes e existências permitidas? Que horas ela sai? propõe-se a revolucionar essas questões. A teoria do ponto de vista é trabalhada por Djamila, que discute como o lugar social que as pessoas ocupam proporcionam experiências distintas. No caso da empregada doméstica, sua percepção e seu olhar não serão como os de sua patroa, os lugares que ocupam cada uma têm suas discrepâncias.

Tratando-se da categoria das domésticas, Carla Akotirene tem seu lugar em *Que horas ela sai?* com seu livro *O que é interseccionalidade?*. Nele, mostra a importância de “dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado.” (AKOTIRENE, 2018)

Akotirene ainda traz a visão de Sojourner Truth, que acreditava na raça impondo à mulher negra “experiência de burro de carga do marido e da patroa”. *Que horas ela sai?* busca entender essa relação patroa e empregada doméstica e pensar essas questões em conjunto com estruturas raciais e de classe. “Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego”. (AKOTIRENE, 2018. p. 22)

Percebe-se essas questões na entrevistada Divina Maria, mulher negra que, com seus 62 anos e trabalhando desde criança, não conseguiu pensar ainda em aposentadoria dos serviços domésticos. “A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões.” (AKOTIRENE, 2018. p. 42)

Que Horas Ela Sai destaca uma classe que sofre pelas estruturas do capitalismo e, como a maioria são mulheres negras, suas opressões são ainda mais persistentes na sociedade brasileira.

Ella Shohat e Robert Stam em *Estereótipo, Realismo e a Luta por Representação* estiveram presentes em *Que Horas Ela Sai* quanto à questão do realismo no cinema e seus estereótipos. Para eles “ficções cinematográficas inevitavelmente trazem à tona visões da vida real não apenas sobre o tempo e o espaço, mas também sobre

relações sociais e culturais.” (SHOHAT, Ella;STAM, Robert. 2006, p. 263) Além disso, complementam quanto à questão de filmes que representam culturas marginalizadas e suas bases em fatos reais mostram seus prováveis impactos em como um grupo se vê e é visto. (SHOHAT, Ella;STAM, Robert. 2006, p. 263). A questão que os autores trazem não é a fidelidade ao real e sim uma organização de discursos e perspectivas. Lançam luz sobre a importância de quem está contando a história e de que forma isso está sendo feito. Grupos marginalizados normalmente não têm o controle de suas representações. Dessa forma, é importante analisar as histórias que representam esses grupos e identificar como esse conteúdo é recepcionado.

Bebel Nepomuceno com seu texto Protagonismo Ignorado para o livro Nova História das Mulheres no Brasil conta como foi o processo das mulheres negras no Brasil e faz recortes que incluem suas “raízes, trabalho, educação, chefia da família, mobilização, espaços de poder e visibilidade.” (NEPOMUCENO, Bebel. 2012, p. 383)

Quanto a questão do trabalho para as mulheres negras, a autora faz um recorte pós abolição da escravidão e relata como foi um período complicado para as mulheres negras que foram excluídas do mercado. Em trecho do texto, Bebel destaca que era comum encontrar anúncios de empregos domésticos citando a raça da trabalhadora que queriam contratar. O desejo era embranquecer suas residências, porém o que as patroas encontravam era um "baixo número de estrangeiras dispostas a se sujeitar às condições impostas pelas famílias contratantes, que implicavam em, quase sempre, extensas jornadas de trabalho, ausência de direitos, parca remuneração, humilhação e abusos sexuais. Assim, apesar da discriminação, a presença de mulheres negras no serviço doméstico continuou predominante"

O artigo publicado por Max Milliano Melo, Dia de Empreguete, Véspera de Madame: Permanências e Rupturas na Construção da Personagem Doméstica em “Cheias de Charme” trata do tema da doméstica dentro de uma novela transmitida em 2012. Analisa temas como estética, consumo e trabalho a partir das personagens da novela Cheias de Charme, da Rede Globo.

O autor destaca a pouca frequência de domésticas em novelas como um fato que ocorre pela:

“[...] própria invisibilidade deste grupo como categoria profissional. Foi apenas nos anos 1970 que as domésticas ganharam o primeiro acesso ao sistema previdenciário – já disponível para os demais trabalhadores desde os anos 1930 –, além disso, a plenitude de direitos só chegou [...] quando o Congresso Nacional aprovou a chamada PEC das Domésticas.” (MELO, Max Milliano. 2016. p.3)

Max Milliano ainda apresenta a questão da empregada doméstica estar enraizada como alguém “praticamente da família”, como o autor mesmo coloca. E complementa com o fato de que essa questão pode ter influenciado na demora pelas conquistas de direitos, pela elite talvez enxergar as domésticas como uma classe que não carecia de direitos. (MELO, Max Milliano. 2016, p.4)

O artigo ainda trata a questões da novela trazer, mesmo que em forma de ficção, um retrato de como as relações e “as empregadas são construídas no imaginário social brasileiro.” (MELO, Max Milliano. 2016. p.6)

E tratando a forma como as domésticas são retratadas e como as próprias trabalhadoras recebem, o autor destaca que:

“Tal representação parece não agradar as empregadas. Uma etnografia a respeito do consumo midiático de empregadas domésticas de São Paulo realizada por Macedo (2013) revelou insatisfação a respeito da representação das empregadas no audiovisual. A crítica das representadas recaiu sobre a forma “brincalhona e irresponsável” que a doméstica geralmente aparece na mídia”. (MELO, Max Milliano. 2016. p. 9 e 10)

O estudo realizado para o livro *Que Horas Ela Sai* apresenta essa questão para as entrevistadas para entender qual a posição delas acerca de suas representações.

O artigo *Patroas vs empregadas: o conflito das classes retratado nas telenovelas*, de Florentina Neves Souza e Lucas do Carmo Dalbeto, entrou nesse estudo por sua proposta de refletir sobre a relação entre patroa e empregada doméstica, em

especial nas telenovelas. O artigo tem um recorte de alguns capítulos das telenovelas *Cheias de Charme* e *Avenida Brasil*, da Rede Globo.

Os autores colocam em questão a representação das domésticas em novelas, refletindo sobre seus papéis dificilmente serem os principais nas telenovelas.

“Na teledramaturgia brasileira as empregadas domésticas são frequentemente retratadas como personagens secundários sem dramas próprios e que pouco acrescentam à trama, sendo a elas delegada apenas a função de servir aos patrões ou observar os acontecimentos que desenvolvem a história ao seu redor.” (NEVES, Florentina; DALBERTO, Lucas. 2013. p. 117)

O filme analisado para o estudo de *Que Horas Ela Sai*, “*Que Horas Ela Volta*”, quebra com esse padrão da empregada apenas observar, lá ela é parte principal da história.

O Relatório Final de Pós-Doutorado de Edileuza Penha de Souza participa também desse estudo com sua pesquisa que teve como objetivo “compreender a narrativa fílmica do longa metragem “*Café com canela*” a partir de estudos sobre a recepção da obra.” (SOUZA, Edileuza, 2019, p. 4) A autora conseguiu com seu estudo perceber como as impressões dos grupos entrevistados tinham um caráter afetivo e emocional e como “as pessoas dos grupos se expressaram fazendo alusão ao passado, trazendo para a cena suas próprias histórias de vida.” (SOUZA, Edileuza, 2019, p. 40)

Assim como o estudo de Edileuza, percebo em *Que Horas Ela Sai* como as mulheres ali entrevistadas tiveram uma conexão com a história e perceberam ali vários traços do seu próprio cotidiano trabalhando no serviço doméstico.

A tese de Jurema Brites, *Afeto, Desigualdade e Rebeldia: Bastidores do serviço doméstico* trabalha em torno de um estudo etnográfico sobre as relações de poder que existem entre empregadas domésticas e seus patrões.

Brites traz conceitos como a “ambiguidade afetiva”, observada na relação patroa e empregada doméstica. Conceito que utilizo em meu produto para explicar as relações das mulheres que entrevistei com o serviço doméstico.

“Apesar das relações de poder evidentemente desiguais que, sem dúvida, caracterizam este relacionamento [entre empregada e patroa], é a ambigüidade afetiva da relação que exige mais análise. É na troca afetiva entre aquelas que podem pagar pela ajuda doméstica e as [mulheres] pobres que oferecem seus serviços que as relações de classe são praticadas e reproduzidas.” (GOLDSTEIN, 2000, apud BRITES, Jurema. 2000, P. 72/73)

Além do conceito de reprodução estratificada e a desqualificação “dos valores [das mulheres das regiões pobres] [...] contrastada com a exaltação dos valores daquelas que contratam seus trabalhos” (BRITES, Jurema. 2000. p. 74).

Brites percebe ao final de seu estudo certa discrepância entre a bibliografia que “denunciava que os patrões submetiam as empregadas a um sistema de dominação perverso através das relações clientelistas” (BRITES, Jurema. 2000. p. 74). e suas evidências encontradas na pesquisa que mostraram que “pelo menos as empregadas domésticas do Jardim Veneza valorizavam este tipo de relacionamento. Nenhuma atitude das patroas poderia ser mais revoltante do que a ‘mesquinha’”. (BRITES, Jurema. 2000. p.198)

Maria Aparecida Baccega em *Recepção: Nova Perspectiva nos Estudos de Comunicação* faz uma análise dos estudos no campo da comunicação, em especial o estudo de recepção. A autora traz a recepção como um “ato cultural” que:

“[...] desempenha importante papel na construção da realidade social. Daí a importância de seu estudo. Através destes estudos podemos descobrir quais são os processos reais que resultam do encontro dos discursos dos meios de comunicação apropriados (transitoriamente) ou incorporados (com permanência na cultura) pelos sujeitos-receptores imersos em suas práticas culturais. Os estudos de recepção estão preocupados com as características socioculturais dos

receptores. Desse modo, o foco se desloca para as práticas sociais e culturais mais amplas, nas quais eles estão integrados. É nesse espaço que se estudará a ressignificação que os receptores produzem com relação aos produtos dos meios de comunicação. (BACCEGA, Maria. 1998, p. 10 e 11)

Nesse sentido, *Que horas ela sai?* faz um estudo de recepção buscando compreender a realidade social e as ressignificações que as receptoras fazem do filme apresentado.

Capítulo III

Percurso metodológico

Para desenvolvimento do produto, algumas técnicas de pesquisa foram fundamentais:

Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica, segundo Ida Regina C. Stumpf (2005), é o momento de conhecer o que já existe dentro do seu tema estudado e assim de servir como orientação do que fazer e quais serão seus passos.

O Manual de Pesquisa em Comunicação, orientado pela professora Janara Sousa, define a pesquisa bibliográfica como um método que:

"Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, livros, revistas. [...] Tem por finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto" (SOUSA, Janara. 2011. p. 29)

Para realização de Que Horas Ela Sai foi feito um estudo de materiais bibliográficos relacionados ao tema proposto. Foram seguidas as etapas definidas por Stumpf (2005) para a realização da metodologia aqui em questão. A primeira tarefa foi definir o tema a partir de palavras chaves para assim facilitar o trabalho de busca por materiais. Foram pesquisadas os seguintes termos: empregada doméstica, trabalho doméstico, recepção, representação, entre outros sinônimos. A etapa de seleção de fontes apresentada por Stumpf teve início durante as orientações em conjunto com a orientadora e, à medida em que defini o tema, mais materiais foram sendo pesquisados. Os materiais estavam em sua maioria disponíveis em formato PDF online. Finalizando essa seleção e procura, dou início a leitura e transcrição dos dados que são prioridades para o desenvolvimento do estudo.

Importante destacar que a escolha por finalizar o livro com a história de Laudelina aconteceu por meio da etapa de pesquisa, em que encontrei um documentário sobre a vida da trabalhadora doméstica que foi pioneira na luta pela categoria das domésticas. Percebi como seria significativo pelo contexto contar essa história de uma empregada doméstica que foi uma mulher engajada politicamente nas lutas tanto sociais quanto raciais e políticas.

Entrevistas em profundidade

Aqui apresento a segunda metodologia utilizada em *Que Horas Ela Sai*: as entrevistas. Jorge Duarte, em *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, define como característica da entrevista em profundidade sua capacidade de “identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos”. (DUARTE, 2005. p.63) Esse método, como bem explica Jorge Duarte, não visa provar hipóteses, mas sim fornecer informações que auxiliem a compreensão de situações e/ou estruturas. Por ser uma técnica mais dinâmica, o uso de entrevistas em profundidade neste trabalho foi essencial. Como pontua o autor Jorge Duarte (2005), a entrevista em profundidade “é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade, tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2005, p. 64)

O estudo feito para *Que Horas Ela Sai* ouviu trabalhadoras do Distrito Federal com o objetivo de contar a vida real dessas mulheres, conectando-as ao filme com a história retratada por Anna Muylaert. O trabalho dá voz à história real da trabalhadora doméstica, ouvindo suas histórias, entendendo sua realidade, relação com o trabalho, ambições, traumas, medos e sonhos. Essas trabalhadoras sentem que são parte da família ou sentem-se sozinhas em seu ambiente de trabalho? Elas pensam em mudar de profissão? Têm seus direitos trabalhistas plenamente garantidos?

O processo de escolha das entrevistadas ocorreu no mês de agosto de 2019. A primeira mulher escolhida foi Leiliane, mãe de uma amiga minha que ao ouvir qual seria meu projeto de estudo, me contou que a mãe poderia querer participar por ser uma trabalhadora doméstica e estar há anos trabalhando na mesma residência.

Leiliane pergunta se pode chamar uma amiga, Hosanna, também trabalhadora doméstica que conheceu no transporte público indo para o serviço.

Em seguida conversando com minha mãe, ela comenta sobre Divina Maria, mãe de uma de suas amigas que trabalha há anos no serviço doméstico. Três mulheres então já estavam selecionadas. Faltando apenas uma mulher para fechar o grupo de quatro entrevistadas, decidi convidar minha vó para compartilhar suas histórias. Uma escolha que acredito ter sido primordial para o resultado do projeto ter saído como o esperado.

As entrevistas foram divididas em duas etapas. A primeira entrevista foi a de Leiliane e Hosanna, que acabaram respondendo juntas. Entretanto, cada uma dando sua resposta de forma pessoal. Em seguida, entrevistei Divina Maria e no dia seguinte a Izabel. Em todas as entrevistas comecei explicando o meu objetivo e o que faria com as entrevistas: o livro.

A segunda etapa de entrevistas ocorreu para uma melhor verificação das informações dadas na primeira entrevista e para recolhimentos de dados que não foram informados na primeira etapa. Todas as quatro entrevistas foram feitas separadamente.

As entrevistas foram feitas de maneira semi aberta, ou seja, um roteiro foi pré determinado, porém, a partir das respostas das entrevistadas, novos questionamentos surgiram. E quanto à validade e confiabilidade das entrevistas, segundo Jorge Duarte (2005), as entrevistadas foram questionadas acerca do trabalho doméstico, portanto eram capazes de responder às questões da pesquisa, pois se tratava de um universo que conheciam.

Dentre as orientações informadas pelo autor, o roteiro das entrevistas foi revisado, os locais e horários foram definidos pelas entrevistadas, o ambiente escolhido por elas foi a própria casa, o que acredito ter sido um ambiente confortável e quanto aos fatores de risco que poderiam influenciar as entrevistadas, procurei me manter afetuosamente distante, isto é, mostrei atenção, carinho e cuidado, mas evitei interferir em suas falas e/ou questionar seus posicionamentos, além de evitar transparecer opiniões ou julgamentos. As transcrições foram feitas por meio de anotações e gravação (voz).

Estudo de recepção

Neste capítulo destaco os caminhos que levaram o estudo de recepção, realizado juntamente com as entrevistas em profundidade. Assisti com cada entrevistada ao filme e depois as questioneei sobre alguns aspectos da história. As entrevistadas foram apresentadas ao filme *Que Horas Ela Volta* e questionadas sobre a história que assistiram.

Primeiramente as trabalhadoras domésticas foram questionadas acerca da representação de Val (doméstica do filme “Que horas ela volta?”) e seus padrões com o objetivo de identificar como elas recepcionam o conteúdo. Questões surgiram ao longo da entrevista, como: ela é bem vista pela classe trabalhadora que representa? As trabalhadoras entrevistadas se veem na personagem? Há semelhança em suas histórias? Elas enxergam a Val como uma pessoa que poderia facilmente ser real?

Por meio de um estudo de recepção, foram levantadas discussões dos temas mostrados no filme para conhecimento de suas perspectivas diante da história.

Capítulo IV

Apresentação do produto

Para o projeto gráfico do livro *Que Horas Ela Sai* todas as escolhas tiveram uma razão que se relacionasse com o tema abordado. Primeiramente, a tipografia escolhida foi mais simples, sem muitos arranjos. As cores escolhidas para composição da capa foram tons claros e leves que estão em contraponto às histórias que contam suas vivências mais árduas.

Quanto às ilustrações, foram feitas em linhas simples sem muita sofisticação, pelo fato da ilustradora ter sido eu e pela forma das artes simplistas esteticamente remeterem ao tema do livro. A escolha por ilustrações na capa aconteceu por razões estéticas e preferências pessoais. Tanto as ilustrações da capa quanto as do conteúdo do livro foram feitas por mim. Abaixo coloco alguns exemplos:

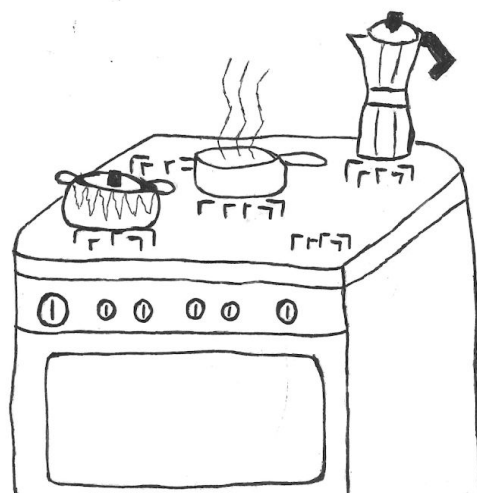


Ilustração 1

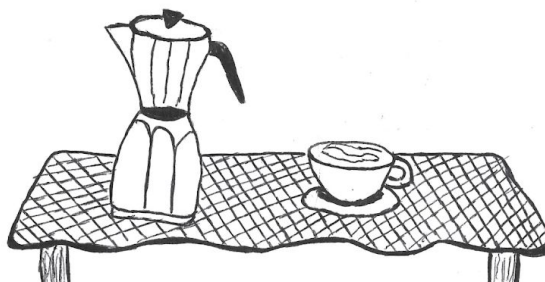


Ilustração 2

A diagramação foi uma tarefa que não pude realizar sozinha. Não domino a ferramenta ideal para esse trabalho, o InDesign, portanto recorri a uma parceira que pudesse me ajudar. Para sua diagramação, *Que Horas Ela Sai* contou com a ajuda de uma amiga minha, que iniciou a diagramação e aprimorou à estética do livro junto a mim. Nos reunimos e mantivemos contato durante todo o processo, todas as decisões eram feitas em conjunto para que os detalhes saíssem exatamente como planejado.

Considerações finais

Este estudo foi uma experiência única em minha graduação. A oportunidade de criar um livro e poder, além de experimentar o universo da escrita, me adentrar na criação de artes e ilustrações foi de grande importância como aluna de comunicação. Este estudo proporcionou uma descoberta sobre questões que sempre estiveram presentes em minha vida, sendo filha e neta de trabalhadoras domésticas.

Ouvindo suas histórias e contando por meio de um livro, as vivências das empregadas domésticas me sensibilizaram e mostraram a importância de dar destaque a essa classe que vive até hoje com suas lutas diárias e serviços exaustantes. Mulheres que cresceram nesse serviço ou mulheres que perceberam a

necessidade do trabalho doméstico depois de mais tempo. Mulheres que dormem na casa de seus patrões e sentem falta da família e mulheres que encontraram ali uma fuga da solidão. Mulheres que estão atrás de se aposentar e mulheres que até hoje não conseguiram pensar nisso. Percebo com esse estudo como suas vivências são múltiplas.

Como um dos limites desse estudo está a quantidade de pessoas negras, estudar o serviço doméstico e entender suas complexidades é perceber que o emprego doméstico concentra uma maioria de mulheres negras e para um estudo mais abrangente seria interessante uma maior presença dessas mulheres.

Finalizo essa pesquisa contente com os resultados obtidos e sabendo que o objetivo inicial foi cumprido: histórias de empregadas domésticas estão sendo contadas e suas vozes foram ouvidas.

O próximo passo é pensar em como distribuí-lo, tornando-o acessível sobretudo para a categoria. E claro, sem esquecer das fontes, que após a defesa receberão seu exemplar.

Apêndices

Cronograma de Atividade

Ação	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Leitura bibliográfica	X	X		
Busca de contatos para as entrevistas	X	X		
Entrevistas com apresentação do filme Que Horas Ela Volta		X		
Segunda entrevista			X	
Produção do Livro (produto)		X	X	
Ilustrações			X	X
Projeto gráfico			X	X
Revisão Profissional do Livro (produto)			X	
Memorial		X	X	X

Revisão do Memorial pelo orientador				X
Revisão ortográfica e ABNT				X
Entrega				X

Quadro de Orçamentos

Para a produção do livro foram solicitados orçamentos em 4 gráficas: Alphagraphics, Central Park, Exata Soluções em Impressão e Athalaia. Depois de avaliar a eficiência e o preço, a gráfica escolhida foi a Alphagraphics.

Ação	Valor
Revisão Profissional do Livro	R\$ 0,00
Diagramação	R\$ 150,00
Ilustrações	R\$ 0,00
Impressão	R\$ 129,76



Euler Paiva

para eu ▾

Boa tarde.

Impressão p/b de livro contendo 73 páginas capa colorida brochura flexível, tamanho 14 x 20 cm, valor por volume R\$ 36,00.

At.te,



Orçamento feito com a Gráfica Exata Soluções em Impressão



ALPHAGRAPHICS BRASÍLIA
 SCLS, 206 Bloco C Lj. 12 - Asa Sul - Cep. 70252-530
 Fone: 61 3242 0077
 E-mail: brasil@alphagraphics.com.br
 Site: www.brasilia.alphagraphics.com.br
 CNPJ: 15.654.812/0001-28

Brasília, 11/11/2019

Orçamento n°: 342850

Maria Carolina Vieira

Fone: 61984852883

CPF / CNPJ:

E-mail: carolono97@gmail.com

Maria Carolina Vieira,

Atendendo à sua solicitação, apresentamos nosso orçamento abaixo:

Referência: **61984852883**

Quantidade	Descrição	Unitário	Total RS
5	BOOK, FORMATO 14X20 CM, CAPA 4X0 CORES, PAPEL COUCHE250 LAMINADO BOPP FOSCO FRENTE, MIOLO COM 73 PAGINAS, 1X1 CORES, PAPEL AP90G, HOTMELT.	25,9514	129,76
			129,76

Orçamento feito com a Gráfica Alphagraphics

The screenshot displays a WhatsApp chat interface. On the left, the chat history shows a customer's request for a quote for a book with specific requirements. The business, Central Park, responds with a detailed quote, including the unit price of R\$ 58.00 and a production time of 3 business days. On the right, the business profile card is visible, featuring the Central Park logo, the phone number +55 61 3328-5868, and the address: Via W3 Norte, 3507 - Asa Norte, Brasília - DF, 70755-540, Brasil.

Orçamento feito com a Gráfica Central Park



Brasília, 11 de novembro de 2019

A
 Maria Carolina Ono
 A/C: Maria Carolina Ono
 carolono97@gmail.com

Fone:

Conforme solicitação, estamos enviando o nosso orçamento referente ao(s) item(ns) abaixo relacionado(s):

Nº Orç.	Quantidade	Descrição	P. Unit.	Preço Total
318157	5	Impressão Digital de Livro no formato aberto 28,5x20cm e formato fechado 14,0x20,0cm, N° de páginas: 76 1 Capa de Livro em papel Couche Fosco (Digital) 250 g/m ² em 4x4 cores Acabamentos: Laminacao Fosca em BOPP Frente 76 Páginas em papel Offset (Digital) 90 g/m ² em 1x1 cores Acabamentos: dobrado Finalizações: brochura colado a quente, refilado Observações:	R\$ 49.0000	R\$ 245,00

Condição de Pagamento	Representante	Validade	Imposto
A vista	Direto	21/11/2019	Iss incluso

a) Não nos responsabilizamos por materiais executados sem provas.
 b) Esta cotação está baseada nas informações fornecidas pelo cliente, estando sujeita a reajuste de preço caso o arquivo esteja em desacordo.
 c) Em caso de desistência na confecção deste serviço após a produção da prova, a mesma será cobrada.
 d) A condição de pagamento só é válida mediante aprovação de cadastro.

Aguardando seu breve retorno.

Atenciosamente,

 Athalaia Solução Digital
 Valdirene Alves

Orçamento(s) aprovado(s):

 Data:-----/-----/-----

 Nome legível e carimbo da empresa

Orçamento feito com a Gráfica Athalaia

Roteiro de Entrevistas

Por se tratar de entrevistas em profundidade, surgiram questões pessoais para cada uma das entrevistadas. O roteiro seguiu inicialmente da seguinte forma:

- Nome
- Idade
- Profissão
- Tem filhos?
- Estado civil
- Cidade onde vive
- Cidade onde nasceu

- Como foi sua infância/adolescência?
- Qual foi seu primeiro trabalho?/Conte essa experiência
- Onde trabalha no momento?
- Você gosta do seu trabalho?
- Como é a relação com o patrão?
- Há quanto tempo trabalha nesta casa?
- Conte sobre o seu cotidiano na casa do patrão
- Conte sobre seu cotidiano em sua casa
- O que você mais gosta de fazer?
- Você tem o costume de ir ao cinema?
- Você assiste filmes na televisão?
- Lembra de algum personagem (Trabalhadora Doméstica) em filme ou novela que conseguiu se identificar?
- Lembra de algum que não gostou?
- Já pensou em mudar de profissão ou tem planos para mudar ainda?
- Já pensou em aposentadoria?
- Em um dia de trabalho você já passou por alguma situação que te incomodou e gostaria de relatar?
- Como é o convívio com sua família?

O estudo de recepção foi feito em conjunto com as entrevistas em profundidade, e assim surgiram questões individuais para cada uma das entrevistadas. Entretanto, o roteiro seguiu inicialmente da seguinte forma:

- Vocês gostaram do filme?
- O filme para você retrata bem a vida de uma trabalhadora doméstica?
- Vocês gostaram da personagem?
- Acha que ela representou bem a trabalhadora doméstica?
- Você se identificou em algum momento com a personagem/qual momento?
- Você não gostou de alguma atitude da personagem da trabalhadora doméstica?
- Você acha que os personagens dos patrões ali foram bem apresentados?

- Alguma situação mostrada no filme você já experienciou durante um dia de trabalho?
- Sobre o dia a dia da Val com os amigos/família dela, você se identificou com alguma cena?

Referências Bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. O Que é Interseccionalidade. Belo Horizonte-MG: Editora Letramento, 2018

ALVES, Paula.; ALVES D., José Eustáquio.; SILVA, Denise Britz. Mulheres no Cinema Brasileiro. 2011. 30f. Artigo - Uberlândia/MG, 2011

BACCEGA, Maria Aparecida. Recepção: nova perspectiva nos estudos de Comunicação. Revista Comunicação e Educação. São Paulo: Moderna, 1998, nº 12, p. 7-16. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36353>

BBC – O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo – 2018 – <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953> – Acessado em: 14/06/2019

BRITES, Jurema. Afeto, Desigualdade e Rebelia: Bastidores do serviço doméstico. 2000. 239f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000

CODEPLAN – PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego – Distrito Federal – 2018

DALBERTO, Lucas do Carmo, SOUZA, Florentina das Neves. Patroas VS Empregadas. O conflito das classes retratadas nas telenovelas. LOGOS - Realidade Ficção. Edição 38. Vol.20, Nº 01, 1º semestre 2013 – Londrina-PR. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330184032_Patroas_vs_empregadas_o_conflito_das_classes_retratado_nas_telenovelas_Mistresses_vs_maidsThe_conflict_of_the_classes_portrayed_in_soap_operas. Acessado em 30/10/2019

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2005

EBC – Avanços e desafios marcam o Dia da Empregada Doméstica –2019 – <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-04/avancos-e-desafios-marcam-o-dia-da-empregada-domestica> Acessado em: 11/11/2019

El País – ‘Que horas ela volta’: parece da família, mas não é – 2015 – https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/05/cultura/1441451338_940917.html – Acessado em: 14/06/2019

EXAME – Três anos depois de lei, 70% das domésticas estão na informalidade – 2018 –

<https://exame.abril.com.br/economia/tres-anos-depois-de-lei-70-das-domesticas-esta-o-na-informalidade/> Acessado em: 12/11/2019

Folha de S.Paulo – A indulgência do filme "Que Horas Ela Volta?", de Anna Muylaert – 2015 –

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683170-a-indulgencia-do-filme-que-horas-ela-volta-de-anna-muylaert.shtml> – Acessado em: 14/06/2019

Geledés – O que é Interseccionalidade? – 2018 –

<https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/> – Acessado em: 25/06/2019

Geledés – E não sou uma mulher? – Sojourner Truth – 2014 –

<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> – Acessado em: 10/11/2019

Geledés – Laudelina Campos de Melo, a heroína negra que lutou para garantir direitos às domésticas no Brasil – 2017 –

<https://www.geledes.org.br/laudelina-campos-de-melo-heroína-negra-que-lutou-para-garantir-direitos-as-domesticas-no-brasil/> - Acessado em: 10/11/2019

GERALDES, Elen; MEDEIROS, Sonia. Mulheres na Janela. Local: Editora. 2006

G1 – DF tem 86 mil trabalhadores domésticos; 80% são mulheres negras, diz pesquisa – 2018 –

<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/df-tem-86-mil-trabalhadores-domesticos-80-sao-mulheres-negras-diz-pesquisa.ghtml> – Acessado em: 10/11/2019

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016

JESUS, Rosa Helena Santos de. À FLOR DA PELE: Um estudo de recepção do desenho Guilhermina e Candelário com crianças de uma escola quilombola. 2018. 112f. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2018

LAUDELINA, Suas Lutas e Conquistas. Produção: Museu da Cidade; Museu da Imagem e Som – Secretária Municipal de Cultura de Campinas. São Paulo: 2015. 37min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JYL2Ki8ltGg>. Acesso em: 2 de novembro de 2019

MELO, Max Milliano. Dia de Empreguete, Véspera de Madame: Permanências e Rupturas na Construção da Personagem Doméstica em “Cheias de Charme”. 2016. 15f. Artigo – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo – SP. 2016

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras: Protagonismo Ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012. p. 382-409

O Globo – PEC das Domésticas completa cinco anos, mas informalidade ainda é alta – 2018 –

<https://oglobo.globo.com/economia/pec-das-domesticas-completa-cinco-anos-mas-informalidade-ainda-alta-22553430> – Acessado em: 01/11/2019

QUE HORAS ELA VOLTA. Direção: Anna Muyleart. 2015. 114 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6711398/>. Acesso em: 3 de novembro de 2019

RIBEIRO, Djamila. O Que É Lugar De Fala?. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2017

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Estereótipo, realismo e a luta por representação. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 261-277

SILVA, Odinaldo da Costa. DOMÉSTICAS – O FILME: Um estudo de recepção com profissionais do Distrito Federal. 2007. 138f. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007

SOUZA, Edileuza Penha de. Café com Canela: Cinema como estratégia de encontros e identidade. 2019. 57f. Relatório Final de Pós-Doutorado. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2019

SOUSA, Janara. Manual da Pesquisa em Comunicação Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2011

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.